

TENTATIVA DE ARRANCAR RAÍZES OU ARREVIBRA[AR]AÇÕES NO CAMPO DE FUGA

Pedro Gottardi¹

Resumo

Este ensaio visual tem por tema a experiência do viver a partir da relação poética e estética entre corpo, mar e respiração, compreendidos como metáforas da vida, da finitude e do deslocamento. Está atrelado a procedimentos artísticos contemporâneos nas artes visuais que articulam presença, ausência e transformação do sujeito no mundo. O estudo consiste em propor visualidades de caráter qualitativo e artístico, fundamentadas em experimentações corporais e na observação sensível da paisagem, fundindo corpo e natureza diante do ato de caminhar por praias e costões. As visualidades indicam estados de vibração compreendidos não como pontos fixos, mas como movimentos contínuos entre interior e exterior, como rebatimentos, que reverberam no corpo como espaço de travessia ontológica e de ressignificação do estar no mundo, ou seja arrevibra[ar]ações.

Palavras-chave: Corpo. Respiração. Procedimentos Artísticos Contemporâneos. Paisagem. Travessia.

ATTEMPT TO UPROOT ROOTS OR AIR-REVIBRETE[AIR]ATIONS IN THE FIELD OF FLIGHT

Abstract

This visual essay explores the experience of living through the poetic and aesthetic relationship between body, sea and breathing, understood as metaphors for life, finitude, and displacement. It is linked to contemporary artistic procedures in the visual arts that articulate presence, absence, and the transformation of the subject in the world. The study proposes visualities of a qualitative and artistic nature, grounded in bodily experimentation and the sensitive observation of the landscape, merging body and nature through the act of walking along beaches and rocky shores. These visualities suggest states of vibration understood not as fixed points, but as continuous movements between interior and exterior, as reverberations that resonate within the body as a space of ontological passage and re-signification of being in the world, what can be termed air-revibrete[air]ations.

Keywords: Body. Breathing. Contemporary Artistisc Procedures. Landscape. Crossing.

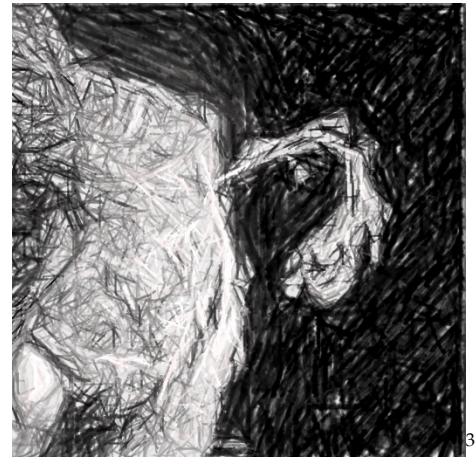
¹ Doutorando pela Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC, na linha de Processos Artísticos Contemporâneos. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5053-9931>. E-mail: profpedro.art@gmail.com

1 Primeiros respiros

[AR]

2

AR
REPIRAR
PRIMEIROS RESPIROS
RESPIRAR
AR



Há momentos em que a experiência humana se manifesta não em palavras ou certezas, mas em sensações. Como vibrações tênues que oscilam entre o instante da inspiração e o limiar do silêncio.

² **Figura 1** – Elemento gráfico [AR] criado para o ensaio visual. Fonte: O autor (2025).

³ **Figura 2** – Elemento gráfico digital (um) criado para o ensaio visual a partir das fotografias que viram a posteriori. Fonte: O autor (2025).

Partindo de um campo de vertigens na linha do horizonte, proponho neste ensaio uma imersão poética e estética em torno da existência, da finitude e do deslocamento, tendo como metáfora o corpo em relação ao mar e à respiração: forças que evocam a luta pela vida.

Essa abordagem encontra ressonância que exploram conceitos relacionados à multiplicidade, sensibilidade e criatividade.

Neste contexto, não é unívoca. Há um lugar que pulsa de dentro, como o sangue que corre e sustenta, e outra que vem de fora, que invade, desestabiliza e chama ao movimento junto da natureza. Coccia (2010) propõe uma ontologia do sensível, na qual a vida é entendida na relação entre corpo e imagem na natureza.

O corpo humano, esse espaço híbrido entre o interno e o externo, é cenário de confrontos silenciosos. Ao se aproximar da borda do mar, com uma máscara feita com raízes arrancadas no jardim de casa, transmudam esse corpo que busca respirar com novos formatos estéticos. Pois existem forças que puxam ou empurram durante o processo artístico e imersivo.

Tudo acontecendo numa absorção da linha do horizonte que encontra sua limitação e o infinito se abre. A metáfora do corpo, mar e à respiração pode ser associada à ideia de "linhas de fuga", que representam movimentos de escape e transformação, como nos diz Deleuze; Guattari (1995-1997). Já o corpo experimenta uma transição entre mundos imagináveis na natureza (Coccia, 2010). Não apenas mundos geográficos, mas estados ontológicos: viver e quase morrer, respirar e suspender a respiração.

Há uma urgência em respirar, uma necessidade incessante que ultrapassa a própria natureza. É um respirar como gesto inacabado, como busca de sentido em um mundo saturado de silêncios densos. Mesmo quando tudo parece estar na superfície, ou quando o ar parece disponível e pleno, o corpo insiste em mergulhar. Mergulha não por necessidade física, mas por impulso existencial na linha do horizonte.

Segundo Derdyk (2012) o acontecer entre corpo, paisagem e percepção, enfatizando a importância do gesto e da sensibilidade no processo da experiência. Trata-se de um movimento que remete ao "retorno ao ponto de partida", não como regressão, mas como tentativa de reencontro com aquilo que, talvez, nunca se teve: um centro, uma paz, uma verdade.

O sujeito caminha, pausa, observa, sente o chão e o vento, sente-se parte da areia, das raízes, dos galhos. Para Ostrower (2013) esses acasos e a sensibilidade são

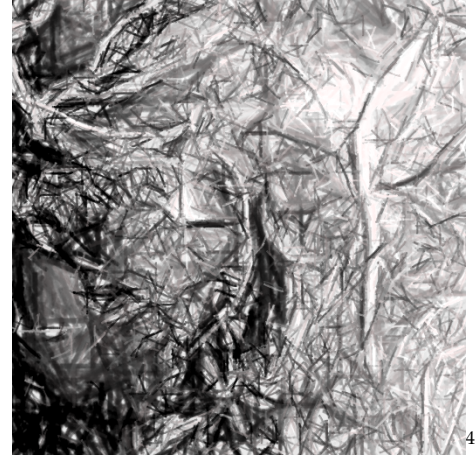
essências nos procedimentos artísticos. E, assim, o corpo reverbera. Vibra na beira daquilo que pode ser entendido como a dualidade fundamental: vida e morte, presença e ausência, permanência e deslocamento.

Nesse cenário, o corpo que retorna não é o mesmo que partiu. Ele retorna salgado, abatido, silenciado. Há um luto sem morte, uma despedida sem partida. E há, sobretudo, o gesto final: respirar. Não um respirar qualquer, mas um que emerge da travessia, da dor e da entrega. Um respirar que é retorno ao presente após ter tangenciado o abismo. Mesmo compreendendo que respirar é mais do que um ato automático; é o diálogo constante entre o corpo e o mundo. A cada inspiração, os pulmões recebem o ar que sustenta a vida, enquanto a cada expiração, liberam o que já cumpriu seu ciclo. Esse fluxo contínuo regula o ritmo do coração, mantém o equilíbrio químico do sangue e conecta a consciência ao presente. Mesmo sendo muitas vezes imperceptível, a respiração é a ponte entre o interno e o externo, entre o viver silencioso das células e o pulsar visível do corpo, lembrando que a existência se realiza em cada sopro que nos mantém vivos.

O procedimento artístico se desdobra na caminhada como uma prática de imersão e encontro, onde o corpo, em performance, se inscreve no vasto cenário natural, atravessando praias e costões da cidade de Porto Belo, em Santa Catarina, na praia de Perequê. A linha do horizonte, sempre presente, se torna um limite e um convite ao deslocamento existencial. Em cada passo, o corpo se aproxima da natureza, buscando não apenas a fusão com o ambiente, mas o entrelaçamento profundo de sua própria essência com o que o rodeia. A máscara de raízes, carregada durante três caminhadas em dias distintos, torna-se conexão entre materialidade e corpo, como se a raiz se enredasse no corpo, transbordando suas formas e sensações no espaço físico e metafísico da experiência. As fotografias surgem como registros desse processo, capturando não apenas a imagem, mas a sensação de transformação que ocorre entre o movimento da caminhada e o imobilismo da fotografia, entre a vitalidade da respiração e o silêncio da paisagem. Assim, a arte se revela não como uma representação, mas como um acontecimento sensível que surge da fusão entre corpo e natureza, em que cada caminhada é um gesto de ressignificação, uma busca por uma presença mais profunda no mundo, como se o próprio caminhar fosse uma travessia ontológica para continuar a viver.

Sendo assim, este ensaio visual propõe pensar a existência como esse trajeto de pontos de fuga entre o mar e o corpo, entre o ar e a ausência dele, entre a vida que

pulsa e a morte que sussurra. Em última instância, é sobre a respiração como ato que arranca: não apenas sobreviver, mas significar a própria presença no mundo.



2 Procedimentos para criação de conceitos

ARREVIBR[AR]

(ar-re-vi-brar)

verbo tra-intransitivo

* Origem externa e interna ao corpo, em outras instâncias;

* Necessidade incansável de tentar respirar;

* Mergulho profundo, mesmo quando tudo já está na superfície;

* Ficção de um estado de quase morte. Como um voltar à superfície

⁴ **Figura 3** – Elemento gráfico digital (dois) criado para o ensaio visual a partir das fotografias que viram a posteriori. Fonte: O autor (2025).

e encher os pulmões de ar, mesmo
não indo ao fundo;

* Vibração que tangencia a linha
entre a dualidade de vida e morte,
durante os encontros realizados em
deslocamentos até a beira do mar.



3 Passos para arrevibrar

As anotações sobre os passos de como encontrar as arrevibra[ar]ações no campo de funga configuram-se como um registro do processo sensível e performativo do corpo em interação com a paisagem. Cada deslocamento, cada gesto ou pausa, funciona como uma exploração do espaço e do tempo, construindo uma cartografia do visível e do intangível. No campo das artes visuais contemporâneas, procedimentos desse tipo são compreendidos como práticas que articulam corpo, percepção e materialidade, inspiradas em conceitos de pesquisa sensível e experimentação estética. A atenção às vibrações, ao horizonte e às linhas de fuga permite que o artista transforme experiências efêmeras em imagens, marcas ou registros, evidenciando que

⁵ **Figura 4** – Fotografia da máscara de raízes. Fonte: O autor (2024).

a criação não se limita ao objeto final, mas se dá no encontro entre o gesto, a observação e o mundo. Assim, o processo torna-se tanto conceitual quanto visual, sustentando-se em práticas que valorizam o intercâmbio entre sensibilidade, presença e transformação, como discutido na produção artística contemporânea.

Aqui sugiro uma lista de como alcançar esses pontos de fuga:

- 1 - Respirar;
- 2 - Caminhar;
- 3 - Deslocar-se;
- 4 - Vibrar;
- 5 - Encher os pulmões de ar;
- 6 - Acontecimento;
- 7 - Areia, água salgada, ondas, troncos, pedras, gravetos, raízes, ...
- 8 - Atravessamento;
- 9 - Corpo;
- 10 - Rebater;
- 11 - Fuga do agora;
- 12 - Silêncio;
- 13 - Introspecção;
- 14 - Corpo vibrátil;
- 15 - Bloco de sensações;
- 16 - Força de impulsionamento.



Essa identidade entre mundo e natureza está longe de ser banal. Pois natureza designa não o que precede a atividade do espírito humano, nem o oposto da cultura, mas o que permite a tudo nascer e devir, o princípio e a força responsáveis pela gênese e pela transformação de todo e qualquer objeto, coisa, entidade ou ideia que existi e existirá. (Coccia, p. 22, 2018).

⁶ **Figura 5** – Auto fotografia com temporizador feita com celular. Corpo/Mar/Linha do Horizonte. Fonte: O autor (2024).



⁷ **Figura 6** – Auto fotografia com temporizador feita com celular. Corpo/Máscara/Alteração de Consciência. Fonte: O autor (2024).

⁸ **Figura 7** – Auto fotografia com temporizador feita com celular. Corpo/Raízes. Fonte: O autor (2024).

4 Procedimentos para anotar

Como pré-conclusão, apresenta-se aqui uma resposta de uma das caminhadas, na qual palavras registradas revelam gestos e ações de um dos deslocamentos pelo litoral. Esses registros não apenas documentam o percurso, mas indicam procedimentos artísticos contemporâneos, articulando corpo, natureza e percepção sensível. As palavras, assim como as imagens, tornam-se parte do processo conceitual, funcionando como extensões do olhar e da experiência do pesquisador do sensível. Elas dialogam com as fotografias capturadas, sugerindo como o gesto, o caminhar e o ato de nomear se entrelaçam na elaboração do ensaio final, apontando caminhos para a criação artística e para a construção de sentidos que emergem da vivência poética e estética do corpo em relação ao mundo.

AR. RESPIRAR. OLHAR FIXO. CAMINHAR. DEZ PASSOS À FRENTE. RAÍZES E ROCHAS. CAMINHO. RAÍZES. ONDAS. CASCALHO. PAUSA. AREIA FINA. GALHO. PAUSA. AREIA FINA. VENTO. PAUSA. LINHA DO HORIZONTE. MAR. ONDAS. NUVENS. CAMINHAR. ÁGUA NOS PÉS. ABALO. AREIA. PEDRAS. PÉS DESCALÇOS. TRONCO. PAUSA. LINHA DO HORIZONTE. RESPIRAR. SENTAR. SENTIR. REVERBERAR. EXPANDIR. VIBRAR. TEMPO. PASSOS. PEDRAS. RESPIRAR. VOLTAR. AREIA FINA. CASCALHOS. RAÍZES. TERRA. PAUSA. TRONCOS. GALHOS. AREIA. CORPO SALGADO. RETORNAR. CORPO REBATIDO. SILÊNCIO. DESPEDIDA. AR.

Referências

COCCIA, Emanuele. **A vida sensível**. Trad. Diego Cervelin. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2010.

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas: uma metáfora da mistura**. Trad. Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 2. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira e outros. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995-1997.

DERDYK, Edith. **Linha de horizonte: por uma poética do ato criador**. 2. Ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

Submetido: 07/5/2025

Aceito: 17/12/2025

